

Batalhas interestelares e dominação

Interstellar battles and domination

Gabriel Wirz Leite

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

gabrielwirz451@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7291-6972>

RESUMO

Said (2011) pensa que o tipo de dominação exercido por impérios de um passado ainda recente lançou as bases para um mundo inteiramente global. Para que tais impérios conseguissem expandir seus territórios e manter a ordem, o desenvolvimento de tecnologia se fez imprescindível: armamentos, navios de guerra, barcos a vapor, combustíveis e usinas. Diante disso, Csicsery-Ronay, Jr. (2017) defende que o imperialismo está diretamente relacionado ao desenvolvimento de tecnologia e, conseqüentemente, às obras de ficção científica – caracterizadas predominantemente pelos aparatos tecnológicos presentes em suas histórias. Será apresentada e explorada aqui essa argumentação, articulada com uma breve leitura do romance *Duna* (2017 [1965]), de Frank Herbert. Também serão mencionados como ocorrem os mecanismos de poder imperial nesta narrativa.

Palavras-chave: Ficção científica; Imperialismo; *Duna*.

ABSTRACT

Said (2011) states that the pattern of dominions and possessions which characterized empires from a recent past such as the British and the French laid the groundwork for what is in effect now a fully global world. In order to increase and keep their territories while inexorably ruling people seen as destined to domination, technology development was essential: weapons, war ships, steamboats, fuel, and power plants. Hence, Csicsery-Ronay Jr. (2017) affirms that imperialism is strictly related to technology development and thus also to works of science fiction – their technological devices are important characteristics. Here we present and go further on this subject, and also relate it to Frank Herbert's *Dune* (2017 [1965]). We also present how imperial power dynamics occur in this novel, such as cultural dissemination based on religion.

Keywords: Science fiction; Imperialism; *Dune*.

Em *Science fiction and empire*, Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 444) argumenta sobre uma estreita relação existente entre a ficção científica e o desenvolvimento dos discursos imperialistas advindos a partir do século XIX, quase indissociáveis da construção de aparatos tecnológicos e das revoluções científicas. Nesse sentido, o gênero retratou a

ascensão de impérios como regimes tecnológicos que afetam e garantem o sistema de controle global de comunicações desnacionalizadas. Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 445) salienta que o desenvolvimento tecnológico não foi meramente uma pré-condição para a expansão territorial dos países imperialistas, mas uma imante força motora que levou a mudanças de consciência que facilitaram a subjugação de culturas menos desenvolvidas tecnologicamente, se comparadas às superpotências europeias. Desse modo, não foi à toa que a ficção científica, um gênero que exalta e problematiza os efeitos tecnológicos, emergiu nas sociedades altamente modernizadas nas quais a tecnologia se estabeleceu como um sistema para dominar o ambiente e a vida social.

Dentre as características da modernidade, aqui compreendida como um conjunto de práticas e discursos políticos, econômicos, históricos, científicos e filosóficos, sistematizados principalmente entre os séculos XVIII e XIX, pode-se mencionar um projeto voltado para a expansão e para o desenvolvimento, pelo qual articularam-se simultaneamente a conquista de novos territórios e mercados e inovações científicas e tecnológicas. Hobsbawm (1990, p. 32) situa no século XIX o desenvolvimento da concepção moderna de nação, indissociavelmente ligada à estrutura do Estado moderno, caracterizado por noções como territorialidade e soberania. A nação, a partir de então, indicava um vínculo coletivo, de modo que o povo-nação era justamente caracterizado pelo fato deste representar um interesse comum que se voltava contra privilégios, a exemplo daqueles que a aristocracia costumava deter antes das revoluções burguesas. Assim, nos termos utilizados por Anderson (2008, p. 34), a nação se torna uma comunidade imaginada na qual as pessoas compartilham um forte e com frequência perigoso senso de fraternidade, que tornou possível as pessoas estarem dispostas a morrer por criações imaginárias limitadas, a exemplo das inúmeras guerras do século XX.

Porém, os discursos nacionalistas serviam apenas quando as nações eram territórios extensos e competitivos, atesta Hobsbawm (1990, p. 43), de forma que territórios menores não eram sequer levados a sério, como a Irlanda, que não teve sua independência considerada pelos grupos políticos imperialistas do século XIX. A construção das nações foi vista de forma inevitável como um processo de expansão, algo que também mitigava todo e qualquer discurso separatista. Aceitava-se, portanto, que a evolução social expandiria a escala de unidades sociais humanas, da família e da tribo para o condado e o cantão, e do local para o regional, para o nacional e ocasionalmente

para o global. Disso decorreu o fato de os movimentos nacionais serem movimentos de unificação nacional, como indica Hobsbawm (1990, p. 45). Vários grupos se aglutinaram a partir de então: os sérvios com os croatas em uma única Iugoslávia, os tchecos se fundiram com os eslovacos, os poloneses com lituanos, e a vontade de existir uma federação balcânica tornou-se uma vontade dos movimentos comunistas até a Segunda Guerra Mundial. Além disso, o maior exemplo imperialista do século XIX, a Inglaterra, se expandiu ao redor do globo terrestre durante este período, conhecido como *Pax Britannica*, que indica uma suposta paz ocorrida após as guerras napoleônicas.

Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 445) infere que não há dúvidas de que sem a constante e acelerada inovação tecnológica o imperialismo não poderia ter tido a força que teve, ou o seu célere progresso. Sem navios a vapor ou barcos de guerra, rifles de repetição e metralhadoras, cabos de submarino, linhas de telégrafo ou medicamentos que combatiam a malária, o poder das incursões imperialistas seria muito limitado, talvez nem sequer possível. A tecnologia imperial, contudo, não foi apenas um conjunto de ferramentas utilizadas para a exploração das colônias. O discurso imperialista também teve repercussões nas Metrópoles, consolidando uma nova ideia de poder político ligado ao *momentum* tecnológico, o que essencialmente ocasionou certo tipo de reação nas sedes dos impérios, argumenta Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 445). Cada sucesso tecnológico global trouxe dinheiro e poder aos projetos tecnológicos, criando um efeito rebote que levou irracionalidade política e exploração econômica para além de suas tolerâncias, produzindo experimentos sociais descontrolados de larga escala. Isso serviu de combustível para um *momentum* tecnológico cada vez mais focado e complexo, até que conflitos sociais, tanto dentro quanto fora das fronteiras, pudessem ser vistos apenas como gerenciamento político por meio de termos tecnológicos. Desse modo, com o imperialismo a política tornou-se tecnológica.

A ficção científica é geralmente conhecida pelos ícones majoritariamente tecnológicos presentes em narrativas do gênero: naves espaciais, robôs, armas de *laser*, monstros biotecnológicos, redes virtuais, ciborgues, dentre outros. Todos esses itens compõem aquilo que Broderick (2005, p. 59) enquadra no *megatexto* da ficção científica, que pode ser compreendido como um conjunto simbólico de signos que relacionam as obras do gênero entre si e as mantém em constante atualização e diálogo. Roberts (2016, p. 11) defende que, na verdade, ao contrário do que o senso comum costuma pensar, a

ficção científica é muito mais sobre tecnologia que sobre ciência. Máquinas e ferramentas como dispositivos tecnológicos digitais, máquinas do tempo, espaçonaves e robôs estão entre os tropos mais recorrentes do gênero. O estranhamento cognitivo da ficção científica elaborado pelo crítico Darko Suvin (1979), que ocorre mediante um elemento narrativo que provoque tal efeito, o *novum* – itens como andróides ou armas de *laser* –, geralmente tem uma manifestação tecnológica, argumenta Roberts (2016, p. 11). Para Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 448), não é difícil relacionar tais itens a práticas colonialistas e imperialistas. Eles representam as ferramentas de poder de sujeitos imperiais, as transformações de objetos de dominação e as ambiguidades de sujeitos que se encontram em afinidades distintas.

A história da ficção científica, indica Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 449), reflete as posições mutáveis de diferentes audiências nacionais enquanto elas imaginam a si mesmas em um sistema-mundo em desenvolvimento, construído a partir das facilidades quase inatas da tecnologia. Para evidenciar seu argumento, Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 449) retoma os pensamentos articulados por Hardt e Negri em *Império* (2001) a respeito da noção de império. Enquanto diz respeito ao imperialismo uma expansão ilimitada de capital, mercados e produção, a ideia de império também diz respeito à consolidação de expansões do passado e a uma irresistível atração por certo ordenamento imperial. Tal expansão não é guiada apenas por ganância ou orgulho nacional, mas pela suposta habilidade superior de promover paz e segurança.

Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 449) atesta que impérios buscam estabelecer um poder único que não se localiza em um território reconhecível, mas em uma ideologia de direito abstrato aplicado por tecnologias de controle. O espaço característico de impérios é horizontal, expansivo e sem limites. Impérios tensionam e suspendem o tempo histórico, pragmaticamente utilizando justificativas tipológicas do passado e do futuro à medida que as ocasiões demandem. Impérios reproduzem continuamente e revitalizam a si mesmos por meio do gerenciamento de crises locais, assim como pela transformação de desafios potencialmente globais a conflitos administrativos. Desse modo, infere Csicsery-Ronay Jr. (2017, p. 449), impérios evitam dialética e transcendência, coisas inerentemente desestabilizadoras, em favor de intervenções constantes. Tais intervenções ocorrem tanto no mundo social quanto na mente de indivíduos privados, duas esferas – o público e o privado – que acabam sendo fundidas por meio de tecnologias de comunicação

difundidas. O espaço físico de impérios é ilimitado, aberto a expansão perpétua, e seus espaços sociais são abertos a variedade, hibridização e desnaturação incessante. Na contemporaneidade, os Estados Unidos representam o grande projeto imperialista da época. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos alcançaram o status de superpotência e não cessam de demonstrar o caráter intervencionista imperialista com o objetivo de manter a ordem mundial imposta por suas políticas. Foram diversos os conflitos ao longo da Guerra Fria e após o ocaso desta, combatendo potenciais dissidências atreladas ao Estado comunista da extinta União Soviética, seus arqui-inimigos contra os quais disputavam a tecnológica corrida armamentista.

Ao longo das décadas de 1960 e 1970, os estado-unidenses vivenciaram o fracasso da Guerra do Vietnã e auxiliaram golpes de Estado na América Latina. Como indica Hobsbawm (1995, p. 422), os Estados Unidos viam a instabilidade social e política dos países do chamado Terceiro Mundo como uma oportunidade vantajosa e permanente para seus adversários soviéticos na disputa pela hegemonia global, de modo que eles deveriam ser aqueles a interferir em tais locais. Desde que a Guerra Fria iniciou, os Estados Unidos partiram para o combate da ameaça soviética de todas as formas possíveis, desde a ajuda econômica e a propaganda ideológica até a guerra maior, “passando pela subversão militar oficial e não oficial; de preferência em aliança com um regime local amigo ou comprado, mas, se necessário, sem apoio local” (Hobsbawm, 1995, p. 422). Após a invasão da União Soviética ao Afeganistão em 1979, treinaram os afegãos contra soviéticos, tornando-se os invasores do mesmo país após os eventos ocorridos em 11 de setembro de 2001, ocupando o seu território por cerca de 20 anos. Com o pretexto da guerra ao terrorismo no Oriente Médio, passaram as últimas décadas desenvolvendo diversos armamentos bélicos e propiciando a disseminação de problemas político-culturais como a islamofobia. Os Estados Unidos, infere Said (2011, p. 36), se veem como justiceiros reparando males pelo mundo afora, perseguindo a tirania, defendendo a liberdade a qualquer custo e em qualquer lugar. As consequências desse pensamento, contudo, são nefastas.

Durante os anos 1960, momento da Guerra Fria e da Guerra do Vietnã, Frank Herbert desenvolve a partir de *Duna* (2017 [1965]) – romance lançado em agosto de 1965 – uma série que tematiza a derrocada e a ascensão de impérios galáticos, mas permeada por um discurso associado com frequência a pautas ecológicas envolto em misticismo.

Roberts (2016, p. 290) pensa que, ao contrário de uma fé cega na ciência tal como articulada em outras obras canônicas da ficção científica, em *Duna* (2017 [1965]) é demonstrada uma descrença no racionalismo.

No romance, a nobre família Atreides, súdita do imperador e chefiada pelo duque Leto, é designada para o planeta Arrakis – ou Duna –, inóspito e desértico, onde água é um recurso escasso e valiosíssimo. Em Arrakis, vermes gigantescos habitam os desertos e produzem uma substância conhecida como especiaria, uma droga viciante que tem propriedades alucinógenas e produz até mesmo premonições para algumas pessoas. A especiaria é consumida exaustivamente pela população do planeta, até mesmo em bebidas como o café ou cerveja, e, além disso, é vista como substância vital para pilotos que conduzem naves hiperespaciais. Justamente por isso, a substância é um item de consumo valioso, ao ponto de controlar a economia do universo do romance – quem controla a especiaria, controla o mundo. Roberts (2016, p. 290) infere que o aspecto mais óbvio é que *Duna* (2017 [1965]) se trata de um romance ambiental, e tal temática é explorada não meramente pelas características físicas do planeta que dá título à narrativa, mas ao retratar uma lógica imperialista de extração de matéria-prima no planeta Arrakis objetivando o lucro da Companhia CHOAM, a qual o imperador e as casas feudais estavam atrelados.

Tal estruturação se assemelha à mineração praticada pelos governos imperialistas em suas colônias, pensada por Horacio Aráoz (2020) como indicativa do começo da modernidade, que teria se desenvolvido e desdobrado a partir das experiências extrativistas realizadas pela coroa espanhola no continente americano. Ao apresentar o pensamento de Aráoz, Martins (2022, p. 252) indica que “a mineração moderno-colonial estabeleceu um novo arranjo espacial-territorial: ao despojar as sociedades originárias de seus domínios políticos, desassocia os saberes de suas aplicações concretas”, reorientando, assim, a ocupação e o uso do espaço americano. A extração de minérios devastou os territórios das colônias europeias, com o objetivo de enriquecer a Metrópole, transferindo renda para o exterior – empresas e Estados estrangeiros – e reduzindo os fluxos de salário no interior da economia.

Em *Duna* (2017 [1965]), para se extrair a especiaria, toda uma gama de artefatos tecnológicos são necessários: ornitópteros, usinas-colheitadeiras, caleches. Ou seja, a máquina mercantil imperial, que financiava a hegemonia do império, não poderia existir sem uma tecnologia especializada. Embora habitantes nativos do planeta fossem

utilizados no processo de extração, a família Harkonnen – uma outra casa da nobreza no universo do romance e responsável pelo controle da extração de especiaria antes da família Atreides – caçava esses mesmos nativos, conhecidos na obra pela palavra *fremen*, por pura diversão, de modo que uma outra forma de relação com a população nativa do planeta Arrakis não era sequer concebível. Leto Atreides buscou fazer tudo diferente dos seus inimigos Harkonnen: se estes desprezavam os *fremen*, os Atreides buscaram uma boa relação com os nativos de Arrakis, embora ainda fosse um senhor feudal, no fim das contas.

O caráter ecológico de *Duna* (2017 [1965]) está articulado no desenvolvimento de um de seus personagens, Kynes, também conhecido secretamente por Liet pelos *fremen*, para os quais exercia um papel de liderança quase religiosa. Foi por intermédio de sua relação com os *fremen* que a casa Atreides conseguiu um melhor relacionamento com os nativos, que começaram a ver Paul Atreides como o messias previsto nas profecias locais, designado no romance pelos termos *Mahdi* ou *Lisan al-Gaib* – este último detém um significado de alusão a um superpoder de comandar as pessoas por intermédio da voz utilizado por Paul Atreides, marcante na franquia de Frank Herbert. Kynes era subordinado imperial e cumpria o cargo de ecologista e planetólogo de Arrakis, além de desempenhar durante a estadia da família Atreides a função de juiz de transição, auxiliando na mudança de administração do planeta que foi feita da casa feudal Harkonnen para a casa Atreides. Ao se encontrar com Leto Atreides e ser apresentado a Paul, o duque discute com Kynes as políticas sobre a especiaria e diz que o *fremen* pode falar livremente. O ecólogo demonstra, a partir disso, críticas ao projeto extrativista de especiaria feito pelas casas feudais em conluio com o império e a Companhia CHOAM, e afirma:

— Arrakis poderia ser o Éden se seus soberanos parassem de procurar a especiaria e olhassem para a frente!
Não respondeu minha pergunta, o duque pensou. E perguntou:
 — Como é que um planeta vai se tornar o Éden sem dinheiro?
 — E de que serve o dinheiro — Kynes perguntou — se não consegue comprar os serviços de que se precisa? (Herbert, 2017, p. 156, grifo do autor).

O ecólogo, quando após uma situação de risco vê Leto favorecer a vida de seus subordinados em detrimento de um carregamento de especiaria, começa a simpatizar pelo líder Atreides e mantém uma boa relação com sua família. Ao decorrer da narrativa, os

Harkonnen atacam Arrakis com o objetivo de dizimar a casa Atreides, em conluio com o imperador, que enviou os guerreiros da guarda imperial disfarçados de Harkonnen para a empreitada. Leto é assassinado e apenas Paul e sua mãe Jéssica – grávida de Alia Atreides, filha do casal – sobrevivem, do núcleo familiar dos Atreides. Em outro momento, Kynes é capturado pelos Harkonnen e lançado para perecer no deserto. Seus momentos finais são marcados por um delírio no qual se encontra e dialoga com seu pai, antigo planetólogo de Arrakis. Ainda que moribundo, o personagem chega a dizer que mesmo com a iminência da morte, não consegue “deixar de ser um ecólogo” (Herbert, 2017, p. 354). No delirante diálogo, seu pai faz várias considerações sobre a ecologia e a importância de favorecer e desenvolver a vida, princípio que se desdobrava no sonho de uma Arrakis dotada de pastos verdes e água em abundância. O antigo planetólogo de Arrakis diz ao filho:

— Temos de fazer em Arrakis uma coisa que nunca se tentou fazer com um planeta inteiro — disse o pai. — Temos de usar o homem como uma força ecológica construtiva, introduzindo formas de vida adaptadas a partir de similares da Terra, um vegetal aqui, um animal ali, um homem acolá, para transformar o ciclo da água, para criar um novo tipo de paisagem. [...] — Os homens e suas obras foram uma doença na superfície de seus planetas até agora — disse o pai. [...] — O sistema histórico de pilhagem e extorsão mútuas tem um fim aqui em Arrakis — disse o pai. — Não se pode seguir roubando aquilo de que se precisa sem pensar naqueles que virão depois (Herbert, 2017, p. 358).

Após fugirem dos Harkonnen, Paul e Jéssica acabam se deparando com os *fremen* no deserto. Depois de alguns conflitos, ambos passam por ritos de passagem e são aceitos pelos nativos: Paul monta em um gigantesco verme do deserto e passa a ser visto como um *fremen*, enquanto Jéssica ingere uma quantidade absurda de especiaria e toma o lugar de Reverenda Madre – um cargo de liderança religiosa importante – dos *fremen* após a morte da anciã local, que fazia parte da seita conhecida pelo termo *Bene Gesserit*, assim como Jéssica. No universo criado por Frank Herbert, as *Bene Gesserit* são uma seita exclusiva de mulheres que detém grandes conhecimentos a respeito do universo e o poder de comandar as pessoas por intermédio da voz. O bebê que a Atreides carregava no ventre acaba recebendo os mesmos poderes e experiências das vidas passadas das antigas Reverendas Madres, que cresce e se torna a criança Alia, vista como uma aberração pelas *Bene Gesserit* por ter a consciência e poderes de uma Reverenda Madre no corpo de uma criança. Posteriormente, Paul parte em busca de vingança e retoma o poder no final da

narrativa, enfrentando os Harkonnen e destituindo o imperador por meio da ajuda dos guerreiros *fremen*, dentre os quais a sua amante Chani e o seu braço direito Stilgar, tornando-se o novo imperador.

No romance de Herbert, a religião tem um papel importante na dinâmica de mudança de hegemonia imperial: Paul Atreides encarna as profecias que as bruxas *Bene Gesserit* – Jéssica se aproveitou dos mitos disseminados pela seita sobre um messias que surgiria um dia para difundir o poder de Paul – espalharam por Arrakis com objetivos escusos de dominação e controle. Paul é visto pelos nativos *fremen* como *Lisan al-Gaib*, a Voz do Mundo Exterior – termo que é uma referência ao poder das Bene Gesserit que Paul herda –, ou *Mahdi*, termo que significa o messias libertador. As *Bene Gesserit* detêm um papel importantíssimo no universo de *Duna* (2017 [1965]), pois arquitetam pelas sombras maquinações de poder e conspirações, gerindo o universo pelos bastidores. A ordem das *Bene Gesserit* pode ser encarada como uma analogia da igreja católica no medievo, algo que ratifica o caráter feudal análogo ao europeu articulado no imperialismo de *Duna* (2017 [1965]): as bruxas *Bene Gesserit* compõem as cortes das casas reais, que dispõem cada uma de uma reverenda da ordem que serve como conselheira real, uma posição de muito prestígio e poder. É notável que o caráter mítico é retratado até mesmo nas epígrafes do romance, como na seguinte:

Naquele primeiro dia, quando Muad'Dib cruzou as ruas de Arrakina com sua família, algumas pessoas no caminho lembraram-se das lendas e da profecia e arriscaram-se a gritar: “Mahdi!”. Mas seu grito foi mais uma pergunta que uma afirmação, pois então só podiam esperar que ele fosse a Lisan al-Gaib das profecias, a Voz do Mundo Exterior. Concentraram sua atenção também na mãe, porque tinham ouvido falar que ela era uma Bene Gesserit, e era óbvio que ela era como as outras Lisan al-Gaib.

— Excerto do “Manual de Muad'Dib”, da princesa Irulan (Herbert, 2017, p. 137).

Roberts (2016, p. 339) pensa que *Duna* (2017 [1965]) é associado a um aspecto particular das tradições da ficção científica: antitecnológico, místico e transcendente. No Império Galáctico criado por Herbert, computadores são proibidos por decreto religioso, pois no passado ocorreu uma terrível guerra entre a humanidade e máquinas inteligentes, período conhecido na franquia como *jihad butleriano* – assim como outros dos vários termos utilizados por Herbert em sua obra, *jihad* também é uma palavra de origem árabe, que significa guerra. Humanos com talentos especiais, conhecidos no romance como

mentats, capazes de uma rapidez de cálculo e pensamento parecida com a de um computador, tomaram o lugar dos computadores. Embora haja espaçonaves e itens de tecnologia na narrativa, como as aeronaves do tipo ornitóptero e as caleches, o mundo no romance de Herbert é ordenado por uma lógica feudal pré-Revolução Industrial. *Duna* (2017 [1965]), para Roberts, (2016, p. 340) apresenta uma singular compreensão dialética entre o técnico-racionalista e o místico: a especiaria concede a Paul poderes transcendentais de visão do futuro e sabedoria interior, mas ele só pode derrotar os Harkonnen recorrendo a armas atômicas.

Construções de personagens como Paul Atreides e seus descendentes, que representam tirania e opressão em romances seguintes da série, como em *Imperador deus de Duna* (2017 [1981]), são alegóricas do perigo de figuras messiânicas alcançando hegemonia política. O messias torna-se desastroso para os humanos em função da comoção política que causa, provocando guerras e incerteza. Em *Filhos de Duna* (2017 [1976]), terceiro livro da franquia, o próprio Paul, após ter se tornado cego no romance anterior, *Messias de Duna* (2017 [1969]), e partido para a morte rumo ao deserto – como ditavam os costumes *fremen* – torna-se um anônimo personagem conhecido como o profeta, que contesta e renega o próprio império e culto ao messias Atreides. Em *Imperador deus de Duna* (2017 [1981]), Leto, um descendente de Paul, torna-se um verme gigante dotado de consciência humana que comanda o mundo como um deus. Em seus livros, Herbert apresenta a vinda do messias em um contexto político examinado de modo preciso após 20 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, retratando como o impulso messiânico estava próximo do impulso fascista (Roberts, 2016, p. 340).

A religião com frequência é utilizada como uma das formas de dominação cultural e propagação de valores imperialistas e coloniais, como visto no processo de colonização do continente americano, no qual missões jesuítas buscaram catequizar os povos ameríndios. A religião cristã foi utilizada como pretexto justificador da colonização americana ao longo da expansão ultramarina (Todorov, 2019), pela qual os povos nativos deveriam ser salvos e resgatados, afinal os europeus não tinham a mínima vontade de conhecer outras manifestações de fé que não fossem o cristianismo. O colonialismo, argumenta Said (2011, p. 42), quase sempre é uma consequência do imperialismo. Tanto imperialismo quanto colonialismo são sustentados e mesmo impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que determinados territórios e povos

precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação. O empreendimento imperial depende da ideia de possuir um império, e numa cultura fazem-se preparativos de todo tipo para isso. Assim, o imperialismo, por sua vez, adquire uma espécie de coerência, forma um conjunto de experiências, com a presença tanto do dominante quanto do dominado dentro da cultura. A durabilidade de um império acaba sendo sustentada por ambos os lados, pelos dominantes e pelos distantes dominados, e cada qual, por sua vez, tem dessa história compartilhada um leque de interpretações com suas perspectivas, sentidos históricos, emoções e tradições próprias, atesta Said (2011, p. 43-46).

Diante das argumentações aqui expostas, é notável como *Duna* (2017 [1965]) e o universo criado por Herbert são exemplares para se debater as relações entre imperialismo e ficção científica, gênero intertextual contestador por excelência da dominação e do projeto expansionista desenvolvido pela modernidade. Histórias marcadas por batalhas e invasões interplanetárias, supersoldados, cientistas ardilosos, ou mesmo imperadores messiânicos, auxiliam a entender os mecanismos pelos quais regimes de poder entram em ascensão e queda, ou mantêm a ordem, deixando atrás de si vestígios de mundos em ruínas que em muito podem se assemelhar ao nosso, talvez até mais que aqueles representados em narrativas historicamente e pretensamente tidas como realistas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas* – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARÁOZ, Horacio. *Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade*. Tradução: João Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

BRODERICK, Damien. *Reading by Starlight: Postmodern Science Fiction*. Routledge: New York, 2005.

CSICSERY-RONAY Jr., István. Science fiction and empire. In: LATHAM, Rob (org.). *Science Fiction Criticism: an Anthology of Essential Writings*. London: Bloomsbury, 2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução: Berilo Vargas. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HERBERT, Frank. *Duna*. Tradução: Maria do Carmo Zanini. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017 [1965].

HERBERT, Frank. *Filhos de Duna*. Tradução: Maria Sílvia Mourão Netto. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017 [1976].

HERBERT, Frank. *Messias de Duna*. Tradução: Maria do Carmo Zanini. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017 [1969].

HERBERT, Frank. *Imperador deus de Duna*. Tradução: Christiane Almeida. São Paulo: Aleph, 2017 [1981].

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santana. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução: Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MARTINS, Carlos Eduardo. Resenha de Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade. *Pluri*, São Paulo, n. 5, p. 251-260, fev. 2022.

ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. London: Palgrave Histories of Literature, 2016.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: on the Poetics and History of a Literary Genre*. New Haven and London: Yale University Press, 1979.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

Recebido em: 14/01/2025

Aceito em: 14/04/2025

Gabriel Wirz Leite: doutorando em Estudos Literários (UFMG), mestre em Literatura e Cultura (UFBA).